DON JUAN

(O Convidado de Pedra[1])

de Molière

(1622 – 1673)

Resumo da Narrativa

A história de Dom João foi primeiramente contada por um padre espanhol, Tirso de Molina (Gabriel Téllez), na peça *"El burlador de Sevilla y convidado de piedra"*, escrita na Espanha entre 1620 e 1635. O teólogo, seguindo as disposições do Conselho de Trento, queria impressionar os fiéis contando o destino implacável de um homem dissoluto e imoral incapaz de arrependimento sincero.

Surpreendentemente, o tema demonstrou grande fertilidade e, em torno dele, foram escritas dezenas de versões, sendo a de Molière, de 1665, provavelmente a mais importante e mais conhecida. Mais de cem anos depois, o libretista italiano Lorenzo da Ponte escreveria uma versão operística da obra para Wolfgang Amadeus Mozart, que estreou o seu *"Il dissoluto punito ossia Il Don Giovanni"* em 1787. Em 1821, Lord Byron também escreveria o poema épico "Don Juan". Além deles, Corneille, E.T.A. Hoffman, Pushkin, José Zorilla, Glück e Richard Strauss, entre outros, exploraram o tema. No Brasil, Menotti Del Pichia compôs o poema romântico "Angústia de Dom João".

Apesar de a fonte de todos os "dons juans" ser a obra de Tirso de Molina, há significativa diferença entre o tratamento dado por Molière e Lorenzo da Ponte, tanto na fabulação, como no sentido geral da obra. Segundo Otto Maria Carpeaux, *"do ponto de vista da dramaturgia, a comédia* (de Molina) *é menos alegre que a de Molière e menos profunda que a ópera de Mozart"*.

A versão de Molière, que estreou em 1665, após catorze apresentações foi proibida e só voltaria a ser reencenada, como ele a escreveu, cento e setenta e quatro anos depois da morte do autor. A razão para tão longa hibernação sugere-a Otto Maria Carpeaux, quando assegura que o Don Juan é *"a obra principal do libertinismo francês"*.

Paulo Ronái em "O Teatro de Molière" apresenta outra explicação:

> *"Que foi que aconteceu? As peças italianas imitadas do original espanhol e suas contrafações francesas deviam o seu grande êxito a uma série de cenas patéticas em que moças seduzidas, pais e irmãos mortos pelo sedutor provocavam o horror dos espectadores diante da personagem hedionda de Dom João e o seu regozijo ao vê-lo morto pela estátua de uma de suas vítimas que se atrevera a convidar a jantar. Efeitos de maquinaria, cenas de violência, chamas do Inferno fizeram dessas peças espetáculos ao gosto do grande público. Mas Molière, por mais que quisesse, não conseguiu fazer desses elementos a essência de sua peça. O que o interessava era o caráter de um ser tão excepcional e tão monstruoso como Dom João."* (pág. 29)

A ação, na versão de Molière, acontece na Sicília.

[1] Nota do resumidor – Apesar de o tradutor ter preferido o subtítulo "O Convidado de Pedra", que é da versão de Tirso de Molina, "Festim de Pedra" seria tradução fiel do subtítulo da versão de Molière.

Primeiro Ato

Cena I

Leporelo[2], criado de Don Juan[3] conversa com Gusmão, criado de Dona Elvira, uma dama resgatada de um convento, seduzida e abandonada pelo fidalgo. Diz Leporelo: *"Quer dizer então, caro Gusmão, que tua patroa, Dona Elvira, surpreendida com nossa partida repentina, meteu o pé na estrada e veio atrás de nós? Que coisa!"...* E conclui: *"Temo que ela vá receber muito pouco em paga desse... perigoso investimento"*.

Gusmão não percebe rapidamente o que Leporelo quer dizer, mas na medida em que prossegue a conversa, ele vai se indignando: *"...Mas ele está preso pelos santos laços do matrimônio"*.

> "**LEPORELO**
> *Eh! Gusmão, meu pobre amigo, confia em mim – você ainda não percebeu quem é esse homem, esse Don Juan.*
>
> **GUSMÃO**
> *Como é que eu posso saber quem é um homem capaz de tal perfídia? Não compreendo como, depois de tanto amor e tantas demonstrações de impaciência, depois de tantas homenagens escaldantes, e votos, e suspiros, e promessas em pranto; depois de tantas cartas apaixonadas, protestos ardentíssimos, repetidos juramentos, em suma, depois de haver demonstrado tanto arrebatamento e fúria, a ponto de, presa dessa paixão, invadir o obstáculo sagrado de um convento a fim de se apossar de Dona Elvira: não compreendo, repito, como, depois de tudo isso, tenha tido a coragem de romper com sua palavra."* (págs. 9-10)

Leporelo explica à Gusmão que Don Juan é *"o maior patife que a Terra já produziu; um danado, um cão danado, um demônio, um turco priápico (se é que todos não o são), um herege, que não respeita nem o Céu, nem os santos, nem a Deus, nem ao diabo"*.

> "**LEPORELO**
> *Vive a vida como um animal selvagem; um porco de Epicuro, verdadeiro Sardanapalo, que só busca satisfações, e fecha os ouvidos a todas as censuras que lhe faça o mais puro cristão. Acha idiotice tudo em que acreditamos. Tu me dizes que se casou com tua ama. Isso é pouco. Pra satisfazer sua paixão ele não hesitaria em casar também contigo, teu gato e o teu sapato. Um casamento não lhe custa nada; é só um estratagema para atrair as tolas; casa como respira, sem mesmo perceber. E, uma vez satisfeito – esquece. Senhoras ou donzelas, burguesas, camponesas, vai de um tudo – pra ele não há carne retostada ou malpassada. Embora prefira crua. E tenra. Se eu te fizesse a lista de todas com quem casou aqui, ali e acolá, olha, você ia ter que tomar nota o dia inteiro."* (págs. 10-11)

O criado do sedutor faz uma profecia: *"Consola-te na certeza de que, mais dia menos dia, a cólera do Céu desaba sobre ele"*. À chegada do patrão, Leporelo arrepende-se de ter dado *"com a língua nos dentes"* e pede discrição a Gusmão que sai.

---

[2] Nota do resumidor – O tradutor trocou inexplicavelmente o nome original deste personagem de Sganarelle pelo nome Leporelo (com um "l" só), adotado por Lorenzo da Ponte na ópera de Mozart. Na obra de Tirso de Molina, esta importante personagem chama-se Catalinón.

[3]Nota do resumidor – O tradutor preferiu não traduzir Don Juan por Dom João e esta escolha foi mantida ao longo do resumo. Em algumas versões, lê-se Dom Juan, forma castelhana antiga, mas vigente no tempo de Molière.

Cena II

Don Juan pergunta a Leporelo se aquele que acabara de sair não seria o bom Gusmão, criado de Dona Elvira. Leporelo confirma e desconversa. Don Juan comunica ao criado que *"um novo vendaval havia varrido Elvira do seu coração"*. O criado diz que conhece seu patrão como a palma da mão: *"Sei que seu coração vagueia como um pombo; come alpiste em todas as gaiolas e nenhuma o prende"*. Don Juan quer saber se ele lhe dá razão. Leporelo resiste em responder, mas, pressionado, acaba dizendo que não aprova *"de modo algum* (aquele) *procedimento: E acho até bem safado amar pra lá e pra cá como o senhor faz"*. Don Juan defende-se:

> *"Não diga! Você pretende que uma pessoa se ligue definitivamente a um só objeto de paixão, como se fosse o único existente? Depois disso renunciar ao mundo – ficar cego para todas as outras formosuras? Bela coisa, sem dúvida, uma pessoa em plena juventude enterrar-se para sempre na cova de uma sedução, morto para todas as belezas do mundo em forma de mulher. Tudo em nome de uma honra artificial a que chamam fidelidade? Ser fiel é ridículo, tolo, só serve aos medíocres. Todas as belas têm direito a um instante de nosso encantamento, E a fortuna de ter sido a primeira não pode impedir às outras o direito de estremecer o nosso coração.*
>
> *A mim a beleza me enlouquece em qualquer lugar em que a encontre; e cedo facilmente à doce violência com que me domina. Em amor é lindo estar comprometido. Mas o compromisso que tenho com uma beleza não impede minha alma de ser justa com as outras. Tenho os olhos sempre abertos para o mérito de inúmeras. E rendo sempre, a todas e a cada uma, as homenagens e os tributos a que a natureza me impele. Seja por que for, não posso, não devo, recusar meu coração a nada do que vejo de adorável; e se mil rostos formosos me pedissem, partiria em mil meu coração para atendê-los. As atrações nascentes têm encantos inexplicáveis – todo o gozo do amor está na renovação."*
>
> *(...)*
>
> *"Minha vontade é seduzir a Terra inteira. Como Alexandre lamento que não haja outros mundos para estender até lá minhas conquistas amorosas."* (págs. 15-17)

Impressionado pelo discurso, Leporelo comenta que Don Juan *"vira e revira as coisas de uma tal maneira que parece ter absoluta razão onde não tem nenhuma"*. O libertino insiste:

> "**DON JUAN**
> *E existe vida mais agradável?*
>
> **LEPORELO**
> *"Não, reconheço. É muito agradável e muito divertida e até eu levaria uma vida assim, se não houvesse nada de mal nisso. Mas, meu senhor, escarnecer assim de um sacro mistério...*
>
> **DON JUAN**
> *Vamos, vamos, isso é um assunto entre o Céu e eu. Resolveremos isso sem comprometer você.*
>
> **LEPORELO**
> *Mas, meu senhor, sempre ouvi dizer que é muito grave zombar do Céu. Os que se atrevem a isso são libertinos – jamais têm um bom fim.*
>
> **DON JUAN**
> *Agora você exagera – quantas vezes já lhe disse que detesto pregadores?"* (pág. 18)

Insistindo nos castigos futuros, Leporelo relembra seu patrão que ele havia matado o Comendador seis meses antes, crime de que havia sido absolvido, mas não livrado do ressentimento de parentes e amigos...

Don Juan não quer *“antever males hipotéticos”* e quer falar de sua nova paixão, *“uma jovem noiva, a coisa mais deliciosa do mundo”*. O libertino confessa sua revolta pela amorosidade do casal:

> *“Jamais vi duas pessoas tão ansiosas uma pela outra, dando tantas demonstrações de tanto amor. A ternura ostensiva desse mútuo ardor me encheu de emoção e de inveja; feriu meu coração. Minha paixão nasceu de meu ciúme. É; não suporto mais vê-los juntos. O despeito desperta meus desejos e antecipo o prazer extremo de poder perturbar essa harmonia, romper o nó que os liga – verdadeira ofensa à sensibilidade do meu coração.”* (pág. 21)

Enquanto o libertino confessa seus planos para raptar a noiva, aparece Dona Elvira, avisada por Gusmão, que se declara estúpida por ter caído na trama do sedutor e ter tido esperanças na inocência dele: *“Descobri laboriosamente mil razões para sua partida precipitada, querendo absolvê-lo de um crime do qual minha razão não duvidava”*. A mulher indignada quer explicações que o fidalgo espertamente manda Leporelo dar, mas o criado hesita em responder.

> *“***DON JUAN**
> *(Ameaçador) Estamos ouvindo.*
>
> **LEPORELO**
> *Senhora, os conquistadores, Alexandre, e os outros mundos são a causa de nossa partida. Aí está, senhor, tudo o que sei dizer.”* (pág. 25)

Dona Elvira diz ao libertino que ele *“se defende muito mal para um homem da corte, inda mais tão acostumado a esse tipo de coisas”* e inventa uma desculpa melhor para ele, mas Don Juan, fazendo-se de honesto, diz que não tem *“o talento da dissimulação”* e assegura que seu *“coração é um bloco de sinceridade”*.

> *“Pois é evidente que não parti, fugi. Não pelas razões que lhe parecem evidentes, mas por escrúpulos de consciência – por saber que não poderia viver consigo sem pecado. Repito, fui assaltado por escrúpulos que abriram os olhos de minha alma e me encheram de horror por minha conduta. Refleti que, para desposá-la, arranquei-a da clausura de um convento, obriguei-a a romper votos que a ligavam a sublimes compromissos. E o Céu tem ciúme feroz dessa espécie de coisa. O arrependimento me dominou; tive pavor da cólera divina. Percebi que nosso matrimônio não passava de um adultério disfarçado, que atrairia sobre nós o castigo do Altíssimo.”* (pág. 26)

Dona Elvira chama-o de *“celerado”*, promete-lhe o castigo do Céu e parte ofendida.

Cena IV

> *“***LEPORELO**
> *(À parte) Se ao menos ele se deixasse dominar pelos remorsos!*
>
> **DON JUAN**
> *(Depois de curta reflexão) Temos que pensar agora em nossa próxima aventura amorosa.”*
>
> **LEPORELO**
> *(Só) Ah!, o poder do salário. Que abominável senhor ele me faz servir!”* (pág. 28)

Segundo Ato

Cena I

Um casal de camponeses noivos, Carlota e Pierrô, conversam. Pierrô conta como havia salvado dois homens de afogamento naquele dia, um *"que era muito mais bem feito que o outro"* e que, quando apareceu Marturina (outra camponesa), *"parecia querer comer ela com os olhos"*[4].

Pierrô reclama da noiva: *"Eh, miséria – tu não me ama"*... *"os que se amam estão sempre fazendo reclamações e queixas por se quererem bem"... "Noutro dia eu vi quando* (o Pasqualino) *estava trepado na escada e a* (Tomasona) *o empurrou com força e lhe deu um trambolhão. Caramba, é assim que fazem as pessoas que se amam..."*

Carlota, curiosa, vai bisbilhotar os náufragos.

Cena II

Don Juan queixa-se do fracasso do rapto da noiva, causado pelo naufrágio. Contudo, ao ver Carlota, conclui que sua desgraça está compensada. Leporelo se escandaliza mais uma vez:

> "**LEPORELO**
> *Confesso, senhor, que o senhor me assombra. Apenas escapados de um perigo de morte, em vez de render graças a Deus pela compaixão que ele teve de nós, o senhor se empenha em atrair novamente a cólera divina, com seus habituais devaneios, seus amores crimino... (Don Juan assume ar ameaçador) Cala-te boca! Você não sabe o que diz; e o senhor sabe o que faz."* (pág. 38)

Don Juan começa a cortejar Carlota: *"Sabe, você é de uma beleza rara; e seus olhos penetrantes me penetram"... "jamais vi mulher tão fascinante"*, mas Carlota diz que é *"prometida de Pierrô"*, filho da vizinha Simoneta.

> "**DON JUAN**
> *Não é possível! Uma moça assim como você casar com um simples camponês? Não, não; isso é profanar tanta beleza. Você não foi feita para viver numa aldeia. Não há dúvida alguma de que merece um destino melhor. E o Céu, que tudo sabe, me enviou aqui justamente para impedir esse enlace e fazer justiça a seus encantos.*
>
> *(...)*
>
> **CARLOTA**
> *Uma verdade, senhor, é que não sei como fazer ouvindo o senhor falar. O que o senhor diz me agrada muito e queria acreditar em tudo. Mas sempre me ensinaram que não se deve acreditar nos cavalheiros, porque todo fidalgo é um enrolador que só quer enganar as raparigas."*
>
> **DON JUAN**
> *Eu não sou em desses.*
>
> **LEPORELO**
> *(À parte) Ele é esse!"* (pág. 42)

Don Juan pede Carlota em casamento, dizendo que Leporelo é testemunha fiel do seu compromisso e dando razão às desconfianças da moça:

---

[4] Nota do resumidor – Nos diálogos entre Pierrô e Carlota, o tradutor optou por uma forma de linguagem popular de muito mau gosto que foi revertida aqui para linguagem comum. Na versão de Tirso de Molina, os noivos chamam-se Batrício e Aminta; na versão de Lorenzo da Ponte, Masetto e Zerlina.

> *"***DON JUAN**
> *Ah! Carlota, sei bem que você mal me conhece. Mas me causa infinita tristeza perceber que me julga pelos outros; há tratantes no mundo, e não são poucos, patifes cujo único objetivo na vida é abusar das donzelas. Mas não me ponha entre eles – não duvide da sinceridade do que digo."* (pág. 43)

Carlota diz que tudo o que ela queria era acreditar e acaba aceitando: *"Consinto, quero, e aceito (Pausa). Se minha tia aceitar"* mas ela adverte: *"Mas, senhor, por favor, não me engane – eu caso com o senhor e sua consciência casa com minha boa fé."* O fidalgo pede-lhe um *"beijinho"* para selar o compromisso, mas ela lhe diz que só depois do casamento. Chega Pierrô, o noivo, e se interpõe entre os dois: *"Hei, hei, devagar, seu fidalgo..."* Don Juan empurra Pierrô e Carlota defende seu novo noivo: *"Para com isso, Pierrô"*. Don Juan dá umas bofetadas no campôneo, que o lembra inutilmente tê-lo salvo do afogamento. Carlota, sempre do lado de Don Juan, diz ao ex-noivo que, como ele a ama, deveria ficar feliz de ela *"virar uma senhora"* e promete-lhe, uma vez casada, comprar dele *"o queijo e a manteiga"*. Pierrô, aborrecido, diz que, se tivesse sabido, não só não teria salvo o fidalgo como lhe teria dado uma boa remada na cabeça.

Cena IV

Chega Marturina, a camponesa que aparecera logo após o naufrágio e a quem Don Juan já havia pedido em casamento, e quer saber o que o fidalgo faz ali com Carlota. O libertino explica:

> *"***DON JUAN**
> *(Baixo, a Carlota) Ela está com ciúme de me ver falando com você – quer que eu me case com ela. Mas eu lhe disse que só amo você.*
>
> **MARTURINA**
> *O quê? Carlota?*
>
> **DON JUAN**
> *(Baixo, a Marturina)Tudo que eu disser a ela é inútil; meteu isso na cabeça e ninguém tira."*
> (pág. 51)

Marturina repreende Carlota: *"Oh, Carlota, é muito feio querer pegar os ovos da galinha alheia"*. Começa uma discussão entre as mulheres, com Don Juan jogando uma contra a outra. Quando fica incapaz de continuar este jogo, Don Juan embaralha as cartas:

> *"***DON JUAN**
> *(Embaraçado, falando às duas. Seus gestos se referem, sempre dubiamente, às duas. Vai se dirigindo a uma e outra todo o tempo)*
>
> *(...)*
>
> *(Baixo, para Marturina) Deixe ela acreditar que é ela; não vai atrapalhar. (Baixo, para Carlota) A coitada se ilude. Vai ficar calma. (Baixo, para Marturina) Eu te adoro. (Baixo, para Carlota) Eu sou todo teu. (Baixo, para Carlota) Nem posso olhar as outras, desde que te vi. (Baixo, para Marturina) A mais linda é feia, perto de ti. (Alto) Bem, tenho que tomar algumas providências. Mas dentro de quinze minutos estarei de volta. (Sai)."* (págs. 56-57)

Cena V

Depois que Don Juan escapa, ambas as mulheres estão convencidas de terem sido escolhidas. Leporelo intercede: *"Ah pobres meninas, tenho pena de ver tanta inocência. Não posso agüentar ver vocês arrastadas para a infelicidade"*.

Cena VI

Leporelo continua explicando às moças que seu patrão *"é um salafrário"*, capaz de *"casar com todas, com a humanidade inteira"*, mas com a volta de Don Juan muda completamente o tom e começa a elogiar o patrão.

Cena VII

Chega um cavalheiro chamado La Ramée e comunica a Don Juan que ele está sendo procurado por doze homens a cavalo.

Cena VIII

O libertino despede-se rapidamente das mulheres como se estivesse falando a apenas uma, prometendo voltar para cumprir a palavra, após *"resolver assunto urgente"*.

Cena IX

Don Juan, acovardado pela chegada de tantos inimigos, propõe trocar de roupa com Leporelo: *"É uma honra que te concedo. Afortunado o servo que pode atingir a glória de morrer por seu senhor"*.

> "**LEPORELO**
> *Agradeço-lhe pela honra que me concede.* (Só) *Mas, meu Deus, se devo morrer, pelo menos dá-me a graça de morrer como eu mesmo.* (pág. 61)

Ato III

Cena I

Don Juan está disfarçado de camponês e Leporelo de médico. Vagueiam por uma floresta para se esconderem dos cavalheiros em seu encalço. O fidalgo comenta os disfarces: *"Em matéria de ridículo, nunca vi nada tão magnífico"*. Leporelo acha o seu formidável, pois já havia consultado cinco ou seis camponeses, prescrevendo *"os bálsamos e ungüentos"* que havia achado condizentes.

> "**DON JUAN**
> *E que remédios foram esses?*
>
> **LEPORELO**
> *Nem me lembro. Fui dizendo ao acaso. E acho que seria muito engraçado se todos ficassem bons e viessem aqui, saltitantes, me beijar a mão."* (pág. 63)

Começa uma conversa sobre a credibilidade da medicina. Como Don Juan não acredita na medicina, nem em qualquer outra coisa, Leporelo tenta decifrá-lo:

> "**LEPORELO**
> *É, o senhor me parece um homem difícil de converter. Bom, me diz aqui, qual é a sua opinião sobre almas penadas?*
>
> **DON JUAN**
> *Que o diabo as carregue.*
>
> **LEPORELO**
> (À parte) *Essa descrença eu não posso aceitar. Não há nada mais vivo do que uma alma penada.* (Alto) *A gente tem que acreditar em alguma coisa neste mundo – em que coisa o senhor acredita?*
>
> **DON JUAN**
> *Em que coisa eu acredito?*
>
> **LEPORELO**
> *A pergunta é essa.*
>
> **DON JUAN**
> *Eu acredito que dois e dois são quatro, Leporelo, e que quatro e quatro são oito.*
>
> **LEPORELO**
> *Bela crença, essa aí! Então, pelo que vejo, sua religião é a aritmética? É preciso reconhecer que a cabeça humana engendra tremendas besteiras. E que, em geral, quanto*

mais estudamos mais obtusos ficamos. Pois, comigo, que graças a Deus não estudei como o senhor, ninguém pode vangloriar-se de ter me ensinado nada. Mas, com meu diminuto bom senso e meu parco entendimento, vejo as coisas melhor do que todos os livros, e compreendo muito bem que este mundo que vemos não é um cogumelo que nasce sozinho no meio da noite.

(...)

Meu raciocínio é que, diga o senhor o que quiser, existe no homem uma coisa maravilhosa que nenhum sábio é capaz de explicar. Não é maravilhoso que eu tenha algum mistério na cabeça que me faz pensar cento e oitenta e quatro coisas diferentes ao mesmo instante?" (págs 67-69)

Cena II

A dupla pergunta o caminho a um mendigo que os adverte da presença de assaltantes na região, pede uma esmola e diz que passa a vida rogando a *"Deus todos os dias para que proteja os homens de bem e que dê a eles em dobro tudo o que* (lhe) *dão"*. Don Juan faz pouco do velho:

*"***DON JUAN**
Opa! Você deve estar muito bem de vida.

POBRE
Pobre de mim! Vivo na maior miséria deste mundo.

DON JUAN
Você está brincando... rezando todo dia – o dia todo?

POBRE
Sim, senhor, o dia todo.

DON JUAN
Pois é, rezando assim e recebendo a metade do que os outros recebem, você não pode andar mal de vida.

POBRE
Eu lhe garanto, bom senhor, que a maior parte das vezes não tenho nem um pedaço de pão para botar na boca.

DON JUAN
É, você está cuidando muito mal de seus negócios. Bom, mas toma aqui: vou te dar agora mesmo um luís de ouro (o mendigo vai pegar, ele não entrega)... desde que você diga uma blasfêmia." (págs. 71-72)

O pobre recusa a oferta, dizendo preferir *"morrer de fome"*. A conversa é interrompida por uma cena em que um cavalheiro é atacado por três assaltantes. Don Juan decide intervir.

Cena III

Com a intervenção de Don Juan, os três agressores fogem.

Cena IV

O cavalheiro atacado, Don Carlos, agradece generosamente a Don Juan. O fidalgo, que estaria por ali por uma questão de honra, havia se perdido de sua comitiva e caído na mão de assaltantes. Explica que teria vindo com seu irmão Alonso e demais cavaleiros vingar a honra de uma irmã, *"seduzida e raptada de um convento"*.

*"***DON CARLOS**
O autor dessa infâmia é um certo Don Juan Tenório, filho de Don Luís Tenório. Nós o procuramos há alguns dias. Esta manhã, seguindo indicações de um camponês que nos disse tê-lo visto a cavalo dentro deste bosque, seguido de mais uns quatro ou cinco,

viemos parar aqui. Mas, todas as nossas batidas resultaram inúteis – realmente não sabemos onde o demônio se escondeu." (pág. 76)

Don Carlos confessa que nunca havia visto aquele tal Don Juan Tenório. O fidalgo propõe auxiliar na procura de tal malfeitor: *"Sou amigo de Don Juan, não posso deixar de ser. Mas não acho razoável que ande por aí ofendendo impunemente os cavalheiros"*. Deste modo, Don Juan propõe apresentar Don Juan para que ele preste as devidas satisfações.

Cena V

Aparece Don Alonso, irmão de Don Carlos, e se espanta ao vê-lo com Don Juan: *"Ó, Céu! Que é isso? Inacreditável; meu irmão, que é que você faz aí, conversando com nosso inimigo mortal?"* (Leporelo se esconde atrás de uma árvore.) Don Juan leva a mão à bainha da espada e denuncia-se: *"Sim, sou Don Juan, ele mesmo"*. Don Carlos diz ao irmão que deve a vida a Don Juan. Don Alonso retruca dizendo que *"dever a vida a quem nos feriu a honra não é uma dívida"*. Don Carlos pede magnanimidade e diz que defenderá seu salvador: *"Servirei de escudo com esta mesma vida que ele me salvou"*. Insiste:

> "**DON CARLOS**
> *Não, peço apenas comedimento em nossa ação legítima. Não vamos vingar nossa honra com a fúria que te cega. Devemos conservar o domínio de nossos corações, exibindo uma revolta sem selvageria, claro resultado de nossas razões: não um impulso de ódio cego e primitivo. Não quero, irmão, permanecer devedor de nosso inimigo – essa dívida para com ele eu a tenho que saldar antes de qualquer coisa. Nossa vingança, por ser adiada, não será menos gloriosa. Pelo contrário, isso a tornará mais nobre aos olhos de todos."* (pág. 81)

Don Carlos consegue para Don Juan o adiamento de um dia no confronto.

Cena VI

Leporelo ressurge do seu esconderijo. Don Juan explica ao criado que *"no amor,* (ele) *ama sobretudo a liberdade"* e que não se resigna a *"encerrar o* (seu coração) *entre quatro paredes"*.

Enquanto conversa, a dupla dá-se conta da existência próxima de um mausoléu. Leporelo reconhece o túmulo do Comendador que havia sido morto por Don Juan[5], que fica muito interessado em conhecer o prédio:

> "**LEPORELO**
> *Por favor, senhor, não vá.*
>
> **DON JUAN**
> *Ué, por quê?*
>
> **LEPORELO**
> *Não me parece civilizado visitar uma pessoa que o senhor matou.*
>
> **DON JUAN**
> *Ao contrário – é uma visita que faço justamente por ser civilizado. E que deverá ser recebida de bom grado, se o Comendador também o é. Vamos, vem, entremos. (O monumento se abre e aparece um esplêndido mausoléu e a estátua do Comendador)"* (pág. 85)

Debochadamente, Don Juan manda Leporelo convidar a estátua para jantar com ele.

> "**LEPORELO**
> *É um convite que acho um tanto atrasado, meu senhor.*

[5] Nota do resumidor – Don Juan e o Comendador duelaram quando este descobriu o primeiro fazendo-se passar pelo noivo de sua filha, Anna, seis meses antes.

DON JUAN
Convida, eu disse.

LEPORELO
O senhor está brincando. Quer me fazer bancar o idiota, falando com uma estátua?

DON JUAN
Faz o que eu te mando.

LEPORELO
Mas que bizarria! Senhor Comendador... (À parte) Eu sei que estou sendo um estúpido, mas obedeço ordens. (Alto) Senhor Comendador, meu patrão, Don Juan, manda lhe perguntar, caso o senhor não tenha outro compromisso, se lhe dá a honra de ir jantar com ele. (A estátua baixa a cabeça) Ai!

DON JUAN
Que foi? Que é que você tem? Fala! Perdeu a voz?

LEPORELO
(Faz o mesmo sinal que a estátua lhe fez) A estáááátua!

DON JUAN
A estátua – muito bem. Estou vendo. O que é que você quer dizer com isso?

LEPORELO
Eu lhe garanto que a estátua...

DON JUAN
A estátua. Está bem, eu disse. E que mais? Fala, rapaz, ou te môo de pancada.

LEPORELO
A estátua me deu um sinal.

DON JUAN
Só faltava essa – além de patife, supersticioso.

LEPORELO
Ela me fez um sinal, eu lhe juro. Com a cabeça (imita). Verdade verdadeiríssima. Fala o senhor com ela, só pra ver. Pode ser que...

DON JUAN
Pois vem comigo. Quero ver de perto a tua poltronice. Olha só. O senhor Comendador aceitaria vir jantar comigo? (A estátua inclina a cabeça) Bom, vamos embora.

LEPORELO
Olha só os espíritos fortes que não crêem em nada. (Faz menção de correr. Don Juan o agarra)

DON JUAN
Calma! Não tão depressa que pareça covardia. (Leporelo quase pára. Don Juan o obriga a andar um pouco mais depressa) Nem tão devagar que pareça provocação." (págs. 86-88)

Ato IV

Cena I

Na sua residência, Don Juan recusa-se a discutir os estranhos acontecimentos do mausoléu.

Cena II

A criada Violeta vem avisar da espera de mais de duas horas do fornecedor, Domingos, um credor. Don Juan, contrariado, decide recebê-lo.

Cena III

Começa uma conversa em que toda a iniciativa de cobrança do senhor Domingos é impedida por Don Juan por meio de uma pergunta ou comentário: *"Como vai sua esposa, a senhora Domingos" ... "Sim senhor, senhor Domingos, está extraordinamente bem"... "E Igor, o seu cãozinho, continua latindo para tudo e pra todos?..."* Sem que o homem tenha podido nem ao menos entrar no assunto, Don Juan o acaba despachando, concedendo-lhe uma escolta até a sua casa. Na despedida, faz-lhe uma última consideração:

> *"***DON JUAN**
> *É me dê um abraço, pelo menos. Peço-lhe mais uma vez acreditar que estou inteiramente à sua disposição e que não há nada no mundo que não faça para lhe ser útil.* (Sai)*" (pág. 98)*

Cena IV

O senhor Domingos, partindo, diz a Leporelo que preferia que Don Juan o *"tratasse pior e* (o) *pagasse melhor"*. Leporelo, que também devia ao fornecedor, diz ao homem que Don Juan *"é o melhor pagador do mundo"* e despacha o cobrador, empurrando-o para fora da cena.

Cena V

Chega Don Luís, pai de Don Juan que lamenta: *"Ai, ai, ai! Só faltava esse para encher meus tímpanos"*.

Cena VI

> *"***DON LUÍS**
> *Eu sei bem que o perturbo. E que você prescindiria com prazer da minha visita. Não precisamos esconder que nos sentimos estranhamente mal um diante do outro. Você se irrita com a minha simples presença; eu não me irrito menos com a sua conduta. Todos ficamos perdidos quando não deixamos que o Céu cuide de nossos destinos, quando pretendemos saber mais do que ele, e o importunamos com ambições cegas, demandas inconsideradas. Desejei ardentemente um filho. Esperei-o com ânsia. Implorei por ele com preces infindáveis. E esse filho, que afinal chegou, depois que cansei o Céu com os meus pedidos, tornou-se a dor e o suplício desta mesma vida da qual devia ser alegria e consolo. Com que olhar, eu te pergunto, posso encarar o acúmulo de tuas ações indignas, que não tenho como explicar à opinião do mundo? Essa sucessão de comportamentos lamentáveis que a todo momento me força a apelar para a bondade do soberano, e que já esgotou diante dele o mérito dos meus serviços e a influência dos meus amigos? Ah, que baixeza, a tua! Não te envergonhas de sujar assim o leito em que nasceste? Te sentes com direito, me diz, à honra desse berço? Que fizeste no mundo para ser um fidalgo? Acreditas mesmo que basta ostentar uma arma e um brasão para que um sangue nobre continue nobre, embora envenenado de infâmias? Não, filho, o berço não vale nada se não gera a virtude. Só temos direito à glória de nossos antepassados quando procuramos ser iguais a eles. O esplendor dos feitos que nos legaram nos impõe o dever de honrá-los, de seguir seus passos e caminhos, de impedir que suas virtudes degenerem. Só isso. Se pretendemos que nos considerem seus descendentes legítimos. Você, porém, descende em vão. Teus antepassados te deserdam de seu sangue pois não te reconhecem nele. Tudo que fizeram de ilustre não se reflete em você. Ou melhor, não se reflete numa reverberação de ouro, mas de desdouro. A glória do passado é uma tocha que ilumina apenas, aos olhos de todos, a vergonha do teu procedimento. Aprenda, em suma, que um fidalgo de má vida é um monstro da natureza; que a virtude é o maior título de nobreza; que dou menor valor ao nome do que às ações de quem assina o nome; e que tenho o honesto filho de um trapeiro em mais alta estima do que o filho de um nobre que vive como você."* (págs. 102-103)

O velho, indignado, parte dizendo que a ternura paterna havia esgotado os seus limites: *"Muito antes do que você imagina, saberei pôr um fim aos teus desregramentos, atraindo sobre ti a cólera do céu"*.

Cena VII

Depois que o pai sai, Don Juan invectiva:

> *"***DON JUAN**
> *Para o pai, que já saiu) Eh, o senhor aí, antes de ir embora, me faz um favor! Cai morto! Morre o mais cedo que puder. Cada um deve ter sua vez. Detesto pais que insistem em viver tanto quanto os filhos. (Joga-se numa poltrona)"* (pág. 104)

Leporelo, com ironia, diz que Don Juan agiu errado e deveria ter colocado o velho para fora *"a pontapés"*: *"Como admitir que coisas como essas sejam ditas a uma pessoa como o senhor, um homem que sabe como viver"*.

Cena VIII

Chega Dona Elvira com a cabeça coberta por um véu.

Cena IX

Dona Elvira diz a Don Juan que havia dominado o ódio que sentia por ele e que havia ficado no seu coração *"apenas uma chama depurada de todas as tentações da carne, uma santa ternura, um amor desprendido de tudo, que não quer nada para si próprio e quer tudo para o seu bem"*.

> *"***DONA ELVIRA**
> *É esse amor profundo e puro que me impulsionou até aqui para ajudá-lo, para lhe transmitir um aviso do Céu, e tentar salvá-lo do abismo no qual se precipita. Sim, Don Juan, hoje conheço todos os descomedimentos de sua vida, e esse mesmo Céu que me tocou a alma e me tornou consciente de todos os meus desvios, me inspirou também a vir procurá-lo, para dizer-lhe que sua vida de deboche exauriu a capacidade de misericórdia divina. A assustadora cólera do Céu vai cair sobre sua cabeça e só pode evitá-la com um arrependimento imediato, profundo e total. Tem apenas um dia para evitar a pior das desgraças."* (pág. 107)

Dona Elvira suplica-lhe que se arrependa: *"Poupe-me a dor eterna de vê-lo condenado a atrozes suplícios"*. A mulher parte, recusando convite para pernoitar na casa do fidalgo.

Cena X

Don Juan lamenta que Elvira não tenha podido ficar, porque aquele *"ar abandonado, as roupas monacais – as lágrimas"* haviam despertado nele *"pequenas chamas que começaram a crepitar"* e pede logo o jantar antes que *"venha outro orador"*.

Cena XI

Sentado à mesa, Don Juan conjectura sobre seu futuro:

> **"DON JUAN**
> *Mas é verdade, Leporelo, vou te dizer uma coisa – é preciso começar a pensar em mudar de vida.*
>
> **LEPORELO**
> *Eu, patrão?*
>
> **DON JUAN**
> *Nós, idiota! Nós. E depressa. Apenas mais vinte ou trinta anos desta vida que você chama dissipada e, depois, o arrependimento. E a absolvição.*
>
> **LEPORELO**

Assim, depois de todos esses pecados?

DON JUAN
O Céu despreza pequenos pecadores. Só os grandes lhe dão ensejo a portentosas magnanimidades." (págs. 110-111)

Batidas na porta. Don Juan quer saber *"que demônios são esses, que vêm* (os) *interromper no melhor da festa"*. Leporelo vai atender e volta com olhar apavorado: *"O.. A... estátua está aí!"* O fidalgo manda fazê-la entrar e Leporelo diz que daria seu salário por um buraco onde se esconder.

Cena XII

Don Juan tenta parecer normal, mas Leporelo não quer se aproximar da estátua, que convida Don Juan a cear com ela no dia seguinte: *"Tem coragem de aceitar?"*

"DON JUAN
Oh, por que não? Irei – mas, se permite, acompanhado deste meu servidor, Leporelo.

LEPORELO
Agradeço-lhe imensamente pela honra, patrão. Mas amanhã é o meu dia sagrado de jejum." (pág. 115)

A Estátua parte recusando a tocha oferecida, alegando que *"não precisa de luz quem é iluminado pelo céu."*

Ato V

Cena I

Nesta cena, Don Juan confessa hipocritamente ao pai que havia se convertido. O velho, comovido, dá graças aos Céus por ter sido atendido em suas preces.

DON JUAN
(Hipócrita) Sim, aqui onde me vê, pai, vê um homem liberto de todos os seus erros; não sou mais o mesmo de ontem à noite. De um golpe o Céu operou em mim uma mudança que surpreenderá aos íntimos e aos estranhos. Tocou minha alma, abriu meus olhos. Vejo com horror meu longo período de cegueira e o desregramento criminoso da vida que vivi." (pág. 116)

O fidalgo pede ao pai que lhe indique *"uma pessoa que* (lhe) *sirva de guia, do lado da qual* (ele) *possa marchar seguro pela estrada em que escolh*(eu) *caminhar"*. O pai, cada vez mais comovido, confessa: *"Ah, Juanito, com que facilidade renasce a ternura de um pai, e como, à mais simples demonstração de arrependimento, desaparecem logo as mágoas provocadas pelas ofensas de um filho"*:

"DON LUÍS
Confesso; não caibo em mim de alegria; não contenho minhas lágrimas; todos os meus votos foram aceitos; nada mais tenho que pedir ao Céu. Abrace-me, meu filho, e persiste, imploro, em tua louvável intenção. De minha parte vou correndo levar esta bela notícia à tua mãe, compartilhar com ela a minha comoção, e render graças ao Céu pela santa resolução que te inspirou." (pág. 117)

Cena II

Quando Leporelo elogia o patrão pela surpreendente mudança de vida, Don Juan faz os devidos esclarecimentos:

"DON JUAN
Não é possível. Você nasceu asno, cresceu jumento, e envelheceu cavalgadura. (Pausa, os dois se olham) Vai morrer besta quadrada.

LEPORELO
Como assim?

DON JUAN
Você não distingue ouro de ouro falso, pechisbeque. Acha que as palavras que saíam de minha boca correspondiam às que estavam no meu cérebro?" (pág. 118)

O libertino explica ao criado tratar-se apenas de um *"projeto político e, como tal, um estratagema para iludir os tolos"*.

Criticado por Leporelo por seu cinismo, o fidalgo diz que todos são assim e que ninguém se envergonha: *"A hipocrisia é um vício. Mas está na moda. E todos os vícios na moda são virtudes"*.

"DON JUAN
Você não sabe quantos hipócritas eu conheço que, com alguns poucos estratagemas, limparam as manchas e os crimes de sua juventude. E aí, usando o escudo e o manto da religião, se transformaram em cidadãos respeitáveis, isto é, os homens mais canalhas deste mundo. Por mais que se saiba de suas intrigas e futricas, que se conheça e divulgue aquilo que realmente são, nem por isso eles perdem o prestígio e a estima das pessoas. Basta que inclinem a cabeça um pouco, humildemente, que dêem um ou dois suspiros fundos e mortificados, e rolem os olhos em direção ao Céu, para serem reabilitados de tudo ou de qualquer coisa. É nesse refúgio favorável que eu quero me abrigar e colocar em segurança meus interesses. Claro, não abandonarei nenhum dos meus saudáveis hábitos. Apenas, de hoje em diante, vou me ocultar um pouco, agir mais em surdina." (pág. 121)

(...)

"Enfim, adotei a maneira de fazer impunemente tudo que me der na telha. Posso me erigir, de agora em diante, em censor dos atos alheios, julgando duramente a todos; reservando meus elogios apenas ao comportamento de uma pessoa, a única que sempre achei acima de qualquer suspeita. (Pausa) *Eu." (pág. 122)*

Leporelo lamenta-se do que é obrigado *"a ouvir por um salário"*, adverte seu patrão de que *"tantas vezes vai o cântaro à fonte, que um dia quebra"* e *"filosofa"*:

"LEPORELO
Como diz muito bem esse autor que eu não sei qual é, o homem está no mundo como o pássaro no galho; o galho, como o senhor não ignora, está preso à arvore; quem se apóia na árvore segue os bons preceitos; os bons preceitos valem mais do que as belas palavras; as belas palavras ouvem-se na corte; na corte, claro, estão os cortesãos; os cortesãos seguem a moda; a moda nasce da fantasia; a fantasia é uma faculdade almática, da alma; a alma é o que nos dá a vida; a vida termina com a morte; a morte faz pensar no Céu; o Céu está sobre a terra; a terra não é o mar, o mar é assolado por tempestades; as tempestades ameaçam os navios; os navios precisam bons pilotos; bons pilotos são prudentes; a prudência não é virtude dos jovens; os jovens devem obediência aos velhos; os velhos amam a riqueza; os que têm riqueza são ricos; ricos não são pobres; pobres passam necessidade; a necessidade não tem lei; quem não tem lei é um animal selvagem; e, sendo assim, o senhor vai acabar no inferno." (pág. 123)

Cena III

Don Carlos encontra Don Juan e lhe pergunta se ele vai ou não casar com sua irmã Elvira. O libertino diz a Don Carlos que havia recebido diretamente do Céu aviso para não fazê-lo: *"As palavras não são minhas. É a voz do Céu"*.

"DON CARLOS
Isso aqui entre nós. Na corte ninguém esquecerá a mancha de desonra em nossa família.

DON JUAN
Que importa a corte se obedecemos ao Céu?

DON CARLOS
O Céu, o Céu, sempre o Céu!

DON JUAN
(Já usando vagamente um tom de ameaça) Por que, Don Carlos, o senhor duvida dos desígnios do Céu? O Céu nos pune. E nos perdoa. E nos recompensa." (pág. 127)

Cena IV

Leporelo, que ouviu a conversa, diz ao patrão que este novo estilo é *"bem pior do que todos os outros"*.

Cena V

Aparece um espectro sob a forma de uma mulher velada e avisa a Don Juan que aquele é o *"último instante para aproveitar a misericórdia divina"*. Don Juan quer saber quem está ali sob as vestes e, quando se aproxima, *"o espectro transforma-se no tempo, com a foice na mão"*. Don Juan puxa a espada e atravessa o espectro, que desaparece imediatamente. Leporelo insiste em que ele se arrependa, mas o libertino está irredutível.

"DON JUAN
Não, não, aconteça o que aconteça, ninguém poderá dizer que o meu orgulho cedeu ao meu arrependimento. Vamos. Siga-me." (pág. 130)

Cena VI

"ESTÁTUA
Pare, Don Juan. Ontem o senhor se comprometeu a vir jantar comigo.

DON JUAN
Como, não? Sim, senhor. Aonde vamos?

ESTÁTUA
Dê-me a sua mão.

DON JUAN
Aqui.

ESTÁTUA
Don Juan, o pecador empedernido atrai morte brutal e o desprezo pelas misericórdias do Céu faz explodir a sua fúria.

DON JUAN
Ó, Deus, que é isso que sinto? O que está acontecendo? Um fogo invisível me consome, me queima, me sufoca. Todo o meu corpo é um braseiro. Aaaahhhh! (Cai um raio com terrível estrondo, e relâmpagos explodem sobre Don Juan. A terra se abre e traga-o para o abismo. Enormes labaredas se levantam do lugar em que ele desapareceu.)" (págs. 130-131)

Cena VII

LEPORELO
Eis, com sua morte, todos aliviados; o Céu ofendido, as leis violadas, donzelas seduzidas, famílias desonradas, pais ultrajados, esposas conspurcadas, maridos humilhados – todos satisfeitos. Quanto a mim, que só tenho a mim mesmo, pergunto modestamente a quem me ouve; e o meu salário? (Vai saindo) e o meu salário? E o meu salário?" (págs. 131-132)

(Resumo feito por José Monir Nasser. Os trechos citados são da edição "Don Juan – O Convidado de Pedra" da Editora L&PM, 1997, Porto Alegre, tradução de Millôr Fernandes).